

Prefácio à edição brasileira

Imagine uma pessoa que deu a volta ao mundo em tempo recorde, foi correspondente de guerra, presidiu uma indústria siderúrgica e registrou 25 patentes de vários produtos. Tudo isso em apenas 57 anos de vida. Agora, imagine que essa pessoa era uma mulher que vivia nos Estados Unidos no final do século 19, uma época em que as mulheres não tinham o direito de votar, e, dependendo do estado, não podiam se divorciar nem usar calça comprida.

Nascida em 1864, Elizabeth Jane Cochrane fez tudo isso e ainda encontrou tempo para ser pioneira do jornalismo investigativo. Sob o pseudônimo Nellie Bly — naquele tempo, as mulheres que escreviam raramente usavam o próprio nome — ela ficou famosa em 1887, depois de passar dez dias internada em uma instituição psiquiátrica com a intenção de expor os maus-tratos que as pacientes sofriam. Em uma série de reportagens para o jornal *New York World*, de Joseph Pulitzer — o editor e jornalista que depois batizaria o famoso prêmio literário —, Nellie descreveu minuciosamente como enfermeiras sádicas batiam nas internas e zombavam delas. As funcionárias serviam chá ralo, carne estragada, pão com manteiga rançosa e forçavam as mulheres a ficar imóveis por horas a fio, algumas amarradas, passando frio,

enquanto se refestelavam com frutas e verduras frescas e batiam papo com os médicos, alheios a tudo.

Para retratar o Hospício de Alienados de Blackwell's Island, em Nova York, sem que fosse identificada como jornalista, Nellie literalmente fingiu demência. Fingiu tão bem que ao menos cinco médicos acreditaram — o que prova que os médicos não tinham a menor ideia de como diagnosticar transtornos mentais ou que não estavam nem aí para os pacientes. Provavelmente, as duas coisas. Não surpreende que muitas das mulheres encerradas na instituição não tivessem nenhum problema psiquiátrico que necessitasse internação, e que, uma vez lá dentro, elas não conseguissem mais sair.

As reportagens, depois ampliadas e transformadas neste livro, *Dez dias num hospício*, tiveram um impacto enorme. O governo de Nova York fez uma investigação e aumentou os recursos para as instituições psiquiátricas públicas. Além disso, determinou que apenas mulheres com graves distúrbios psiquiátricos pudessem ser internadas no hospício.

Com a ampla repercussão das matérias, Nellie foi contratada pelo *New York World*, onde atuava apenas esporadicamente. Lá, ela assinou diversas reportagens-proeza, como ficaram conhecidos esses trabalhos que envolviam alto grau de risco. Em uma delas, fingiu ser uma trabalhadora doméstica para denunciar abusos das agências de emprego; em outra, falou sobre tráfico de bebês. Também investigou as condições de vida em prisões e fábricas.

Hoje, ocultar a própria identidade para fazer uma reportagem é considerado antiético em quase todos os veículos de mídia. Naquela altura, essa era uma das únicas maneiras de expor falhas graves existentes nas instituições. Além disso, era uma forma de repórteres mulheres conseguirem cavar algum espaço no ambiente patriarcal das redações.

Foi justamente estimulada por sua revolta contra a opressão das mulheres que Nellie Bly começou a escrever.

Natural de uma cidadezinha perto de Pittsburgh, na Pensilvânia, foi a décima terceira de quinze filhos do juiz Michael Cochran. Cochran (Nellie usava Cochrane porque achava mais sofisticado) era um homem rico, dono de um moinho, de lojas e de terras. Ele havia começado a vida como ferreiro e cuteleiro, e, aos dezenove anos, já tinha sua própria loja em Pitt's Mills. Tornou-se tão poderoso que sua cidade natal foi rebatizada de Cochran's Mills.

Quando Nellie tinha seis anos, seu pai morreu. Não sobrou muito após a divisão da herança entre a viúva e os quinze filhos de dois casamentos. A mãe, Mary Jane, resolveu casar-se novamente, pois a vida de uma mulher sozinha era ainda mais árdua. Não deu sorte. O marido, J.J. Ford, era um alcoólatra violento, que ameaçou matá-la com uma arma no meio de uma igreja lotada de gente.

Segundo conta a excelente biografia *Nellie Bly: Daredevil, Reporter, Feminist*, de Brooke Kroeger, Ford agrediu Mary Jane inúmeras vezes. Numa delas, enquanto ele brandia um revólver, Nellie e um dos irmãos se postaram na frente da mãe, para protegê-la. Mary Jane finalmente conseguiu se separar, mas nunca mais escapou do olhar preconceituoso da comunidade de Cochran's Mills.

Aos quinze anos, Nellie estudava para ser professora, uma saída honrosa para mulheres que precisavam trabalhar para se sustentar. Mas foi obrigada a desistir, por falta de dinheiro. Envidadas e estigmatizadas na cidade, ela e a mãe mudaram-se para uma casa modesta em Pittsburgh, onde alugavam quartos.

Nellie se indignava com os obstáculos que as mulheres enfrentavam para estudar, trabalhar e tornarem-se independentes. Os meninos e os homens tinham tudo mais fácil. Ficou enfure-

cida quando se deparou com o artigo “Para que servem as meninas?” publicado em um dos jornais de Pittsburgh, o *Pittsburgh Dispatch*. O texto era uma resposta a uma carta enviada por um certo Pai Preocupado com suas cinco filhas, com idades entre 18 e 26 anos, que ainda não tinham se casado. “Tenho cinco delas à mão, e não sei como despachá-las, ou o que fazer com elas”, dizia o pai nada zeloso.

O colunista Erasmus Wilson respondeu com uma diatribe machista, exortando os pais a educar meninas para que fossem exímias na cozinha, na costura e na limpeza da casa. Ele chamou as mulheres que queriam seus direitos e desejavam trabalhar de “monstruosidades” e afirmou que elas causavam “repugnância” nas mulheres (“verdadeiramente”) femininas e nos homens masculinos. O colunista teve ainda o desprazer de escrever que talvez o melhor fosse os Estados Unidos agirem como a China, onde famílias matavam meninas recém-nascidas ou as vendiam como escravas.

Pouco depois, chegou à redação do *Dispatch* uma carta inflamada de uma leitora que usava o pseudônimo Órfã Solitária. No texto vigoroso, a autora indagava por que não se davam às meninas as mesmas oportunidades reservadas aos meninos, sendo que elas “são tão inteligentes quanto eles e aprendem muito mais rápido, então por que não podem fazer as mesmas coisas?”. Prosseguia defendendo que as mulheres deveriam ser “mensageiras, office boys, e, por que não, condutoras de trem, em vez de apenas operárias em fábricas insalubres e trabalhadoras domésticas”.

O editor-chefe do jornal, George Madden, ficou impressionado com a qualidade do texto e publicou um anúncio convidando a autora misteriosa a aparecer na redação para receber o devido reconhecimento: “Se a autora da comunicação assinada por Garota Órfã Solitária enviar seu nome e endereço

para este escritório, apenas como garantia de boa-fé, ela irá nos fazer um favor e receber a informação que deseja”, dizia o texto.

No dia seguinte, uma jovem magra e frágil, aparentando vinte anos, apareceu diante de Madden. Era Nellie. Surpreso, ele pediu que ela escrevesse um artigo com base na carta que enviara sobre oportunidades para mulheres. Depois, encomendou mais um texto — e Nellie escreveu sobre divórcio. Ela emendou com uma série sobre operárias em fábricas de Pittsburgh, e foi contratada pelo jornal.

A série, que se parecia mais com uma propaganda das fábricas do que com as investigações que a consagrariam, foi um sucesso. Como “prêmio”, ela passou a cobrir assuntos “mais femininos”, como jardinagem, moda e sociedade.

Aos 21 anos, Nellie largou o emprego no *Dispatch* depois de apenas nove meses. Não aguentava mais escrever sobre assuntos de “mulherzinha”. Partiu para o México, onde esperava construir uma reputação como correspondente internacional e assim nunca mais ser relegada à editoria de amenidades. Como não era de bom-tom uma moça viajar desacompanhada para um destino, digamos, exótico, Nellie levou sua mãe a tiracolo.

A jornalista não falava espanhol, mas isso não a desencorajou. Passou seis meses como correspondente no país que vivia sob a ditadura de Porfirio Díaz. Seus relatos, publicados sob o chapéu “Nellie in Mexico”, causaram espécie. Muitos leitores em Pittsburgh se horrorizavam com o fato de uma mulher estar no México fazendo reportagens. Circulou o boato de que, na realidade, não era Nellie que escrevia, mas, sim, seu irmão.

Depois de seis meses e algumas reportagens críticas ao governo, Nellie teve de ir embora. Voltou para Pittsburgh desgostosa, queria alçar voos mais altos. Faltava-lhe experiência, mas não autoconfiança e determinação.

Em maio de 1887, Nellie chegou a Nova York crente que conseguiria um posto em algum dos grandes jornais da capital jornalística do país. Tentou pedir emprego nos diários mais tradicionais da cidade, o *New York Sun* e o *New York Herald*, e no mais ousado, o *New York World*. Na maioria das vezes, não conseguia nem passar da porta de entrada das redações. Eram muitos os concorrentes e havia poucas vagas — e ela era mulher.

Surgiu uma chance: o *World* estava recrutando um repórter para fazer uma viagem de balão entre Nova York e St. Louis, no Missouri, e relatar a experiência. Nellie se candidatou, e recebeu mais um não. Era uma empreitada perigosa demais para uma senhorita, foi o que ouviu.

Depois de três meses, o dinheiro estava no fim, e ela ainda não tinha conseguido nada. Voltou a bater na porta do jornal de Pulitzer. Dessa vez, propôs-se a voltar de navio da Europa para retratar a realidade dos imigrantes que chegavam aos Estados Unidos. Os editores não gostaram da pauta, mas sugeriram outra: “e se você fingisse estar louca para ganhar acesso a uma instituição psiquiátrica famosa por maltratar suas pacientes?”.

Foi assim que Nellie deu início a sua carreira de repórter investigativa.

Bessie Bramble, uma das únicas mulheres colunistas no *Dispatch* na época, escreveu que Nellie realizara uma “façanha jornalística” que poucos homens da profissão haviam alcançado. “Ela mostrou que coragem, perfeição no ofício e habilidades investigativas não são monopólio dos irmãos de ofício.”

Nellie Bly foi uma das primeiras repórteres que ficaram conhecidas como *muckrakers*. O termo era usado para definir os profissionais que reviravam a sujeira para expor corrupção e outros malfeitos, especialmente de instituições e empresas

bem estabelecidas, assim como do governo. Eram jornalistas que se arriscavam por suas reportagens. Hoje a palavra *muckraker* é utilizada para designar repórteres que investigam a fundo um tema.

Entre o final do século 19 e as primeiras décadas do século 20, parte do jornalismo americano passou por uma grande transformação. Vivia-se a chamada Era Progressista nos Estados Unidos, quando uma parcela da população acordou para a importância das leis trabalhistas, dos direitos do consumidor, da qualidade dos alimentos, do combate ao trabalho infantil. O governo aprovou várias reformas e abraçou a bandeira da luta contra a corrupção. O jornalismo investigativo contribuiu imensamente para essas mudanças.

Os expoentes do jornalismo *muckraking* eram pessoas como Upton Sinclair, que escreveu o romance *The Jungle* depois de passar sete semanas trabalhando em um frigorífico em Chicago. Em uma série de reportagens, e depois no livro, que saiu em 1906, Sinclair denunciou as péssimas condições de trabalho dos imigrantes nesses frigoríficos e a falta de higiene no processamento da carne. As reportagens ajudaram na criação da agência que se transformaria na Food and Drug Administration.

Ida Tarbell, uma ex-professora de ensino médio, escreveu reportagens sobre as práticas abusivas da Standard Oil Company — empresa de petróleo que foi a maior de sua época — e de seu dono, John D. Rockefeller. As matérias viraram livro, e, alguns anos depois, em 1911, a Suprema Corte americana determinou que a Standard Oil fosse desmembrada, porque violava as regras antitruste da Lei Sherman.

Nellie Bly também pode ser considerada uma precursora do jornalismo engajado da feminista Gloria Steinem. Em 1963, Gloria se inscreveu no processo de seleção das coelhinhas do

Playboy Club, em Nova York. Mentindo ser mais nova, conseguiu a vaga e relatou em reportagem como era a vida dessas mulheres mal pagas, que passavam horas equilibradas em saltos altíssimos, enchendo o decote de papel para fazer o busto parecer maior, sendo importunadas por homens bêbados.

Poderíamos até dizer que Nellie foi a vanguarda do jornalismo gonzo de Hunter S. Thompson — talvez com bem menos álcool e drogas. As reportagens de Thompson romperam mais radicalmente com as fronteiras entre o jornalista e seu assunto, e até mesmo as barreiras entre ficção e não ficção.

Com tudo isso, a vida de Nellie Bly ainda teve espaço para uma volta ao mundo, um casamento, uma falência e uma guerra. Primeiro, ela bateu o recorde de Phileas Fogg, personagem do romance de Júlio Verne, ao percorrer o globo sozinha em 72 dias. Mas ainda teve de ouvir perguntas do tipo: “Como conseguiu arrumar uma mala tão pequena para viajar, sendo uma mulher?”. Depois, se casou, presidiu uma indústria siderúrgica após a morte do marido, patenteou latas de aço, foi levada à bancarrota e voltou ao jornalismo para ser a primeira mulher a cobrir a Primeira Guerra Mundial no front da Áustria e da Sérvia.

Em todas as suas missões, a repórter mantinha os olhos atentos para detalhes, a sensibilidade para as dificuldades das pessoas mais pobres e, principalmente, o desejo de ultrapassar as barreiras impostas às mulheres.

Hoje, as faculdades e as redações estão lotadas de repórteres mulheres. Talvez não seja mais necessário fazer reportagens-proeza, passar dez dias em um hospício ou dar a volta ao mundo para conseguir um emprego em jornalismo. Mas ainda estamos muito longe de romper o teto de vidro acima de nossas cabeças. Mais de cem anos depois de Nellie Bly provar que “coragem, perfeição no ofício e habilidades investigativas não são monopólio dos irmãos de ofício”, nós ainda nos vemos obriga-

das a demonstrar que não existem empreitadas perigosas demais para senhoritas.

Apesar do caminho que Nellie trilhou, demonstrar competência e trabalhar duro não basta para as mulheres garantirem seu espaço no jornalismo. Ainda hoje, no Brasil e em muitos outros países, as jornalistas se veem obrigadas a provar que não precisam usar sedução para conseguir notícias exclusivas, que não há nada de errado em ter uma mulher chefiando centenas de homens em uma redação e que elas merecem o mesmo respeito que seus colegas do sexo masculino.

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

NO BANHO

Sabonete amolecido para esfregar e na cama de camisola molhada

Depois de mais algumas músicas nos disseram para acompanhar a srta. Grupe. Fomos conduzidas a um banheiro frio e molhado e me mandaram tirar a roupa. Se me queixei? Bem, eu nunca me esforcei tanto para escapar de uma situação. Disseram que se eu não obedecesse, usariam a força e não seriam nada delicadas. Avistei uma das mulheres mais loucas da ala, em pé ao lado da banheira cheia, segurando um grande farrapo desbotado. Falava sem parar consigo mesma e ria baixinho de um jeito que me pareceu diabólico. Nesse momento eu soube o que fariam comigo. Eu tremia. Começaram a me despir, tirando minhas roupas uma a uma até sobrar apenas uma peça. “Não vou tirar”, eu disse com veemência, sem sucesso. Lancei um olhar ao grupo de pacientes que se juntara ao lado da porta para assistir à cena e entrei na banheira num pulo, com mais energia do que graciosidade.

A água estava gélida, e mais uma vez protestei. Não fez a menor diferença. Implorei para que pelo menos as pacientes fossem levadas dali, mas me mandaram calar a boca. A mulher louca começou a me esfregar. Não conheço outra palavra além de “esfregar” para expressar o que ocorreu. Ela pegava um pouco de sabonete mole de uma panelinha de lata e passava com força no meu corpo inteiro, inclusive no meu rosto e no meu cabelo tão vistoso. Eu finalmente me tornei incapaz de ver ou falar, mesmo tendo implorado para que ela poupasse meu cabelo. E a velha esfregava, esfregava, esfregava, matraqueando sozinha. Meus

dentes batiam e meus membros ficaram arrepiados e azuis de frio. De repente ela jogou, um após o outro, três baldes d'água na minha cabeça. A água também era fria como gelo e entrou nos meus olhos, orelhas, nariz e boca. Acho que experimentei algumas das sensações de afogamento quando me arrastaram, engasgando, tremendo e me debatendo, para fora da banheira. Se alguma vez na vida eu de fato pareci louca foi quando me vestiram, ainda encharcada, com uma combinação curta de flanela em que se lia “Hospital de Alienados B. I. C. 6” em letras pretas na costura. As letras significavam Blackwell’s Island, Corredor 6.

A essa altura já haviam despedido a srta. Mayard, e, por mais que eu tivesse odiado o banho, eu teria tomado outro se assim pudesse livrá-la daquela experiência. Pensar em mergulhar aquela moça doente na água fria me fez estremecer como se tivesse malária — eu que nunca adoeci. Eu a ouvi explicar para a srta. Grupe que sua cabeça ainda estava dolorida devido à doença que tivera. Seu cabelo estava curto e tinha caído quase todo, e ela pediu que a mulher louca fosse orientada a esfregar com menos força, mas a srta. Grupe disse: “Não temos medo de machucar você, não. Cala a boca ou vai ser pior”. A srta. Mayard de fato ficou de boca fechada, e essa foi a última vez que a vi naquela noite.

Fui levada às pressas para um quarto onde havia seis camas, e teria sido colocada para dormir se alguém não tivesse aparecido para me mudar de lugar, dizendo: “Hoje a Nellie Brown precisa ficar num quarto individual, porque pelo visto é barulhenta”. Me levaram para o quarto 28 e me deixaram sozinha para tentar amaciar o colchão. Era impossível. De alguma maneira a cama era mais alta no centro e afundada dos dois lados. Ao primeiro contato minha cabeça encharcou o travesseiro e minha camisola molhada transferiu parte da umidade para o lençol. Quando a srta. Grupe entrou no quarto, eu perguntei se não podia me oferecer uma camisola. “Não temos esse tipo de coisa nesta instituição”,

ela disse. “Eu não gosto de dormir sem camisola”, respondi. “Isso não é problema meu”, ela disse. “Agora você está em uma instituição pública e não pode esperar nada. Esta é uma ala de caridade, e você devia agradecer o que recebe.” “Mas a prefeitura paga para manter esses lugares”, insisti, “e paga para as pessoas tratarem com gentileza as desafortunadas que são trazidas para cá.” “Bem, é melhor você não esperar nenhuma gentileza aqui, porque não vai receber”, ela disse, e em seguida saiu e fechou a porta.

Havia um lençol e uma colcha impermeável embaixo de mim, e um lençol e um cobertor de lã preta em cima. Eu nunca tinha me irritado como me irritei com aquele cobertor de lã quando tentei mantê-lo sobre os ombros para afastar o frio. Quando o puxava para cima descobria os pés, e quando o puxava para baixo expunha os ombros. Não havia absolutamente nada no quarto, a não ser a cama e eu mesma. Como a porta foi trancada, imaginei que me deixariam sozinha até o dia seguinte, mas ouvi o barulho dos passos pesados de duas mulheres pelo corredor. Elas paravam diante de cada porta, as destrancavam e depois de alguns instantes eu as ouvia trancando-as de novo. Fizeram isso sem nenhum esforço para manter o silêncio, percorrendo todo o lado oposto do corredor até chegar ao meu quarto. Nesse momento houve uma pausa. A chave foi inserida na fechadura e virada. Vi as mulheres que estavam prestes a entrar. Usavam vestidos listrados em marrom e branco, presos por botões de latão, aventais brancos e largos, um pesado cordão verde na cintura, do qual pendia um punhado de chaves grandes, e quepezinhos brancos na cabeça. Estavam vestidas como as funcionárias do dia, eram enfermeiras. A primeira trazia uma lanterna, e apontou a luz para o meu rosto enquanto dizia à assistente: “Esta é a Nellie Brown”. Olhando para ela, perguntei: “Quem é você?”. “A enfermeira da noite, minha querida”, ela respondeu, e me desejando bons sonhos saiu do quarto e trancou a porta atrás de si. Elas entraram várias vezes ao longo da noite, e,

mesmo que eu tivesse conseguido adormecer, o barulho da porta maciça sendo destrancada, a conversa alta e os passos pesados teriam me acordado.

O HORROR DO FOGO

Em caso de incêndio, fugir é praticamente impossível

Não consegui dormir, então fiquei deitada na cama, imaginando os horrores que enfrentaríamos caso um incêndio se deflagra-se. Todas as portas são trancadas separadamente e há grades resistentes nas janelas, de forma que é impossível fugir. Só naquele único prédio há — acho que o dr. Ingram* foi quem me disse — cerca de trezentas mulheres. Estão presas, de uma a dez em cada quarto. É impossível sair, a não ser que essas portas sejam destravadas. Um incêndio não é improvável, pelo contrário, tem muita chance de ocorrer. Caso o prédio pegue fogo, os guardas e as enfermeiras jamais pensariam em soltar suas pacientes loucas. Isso eu posso provar mais adiante, quando chegar a hora de relatar o tratamento cruel que dispensam às pobres criaturas que vivem sob seus cuidados. Como disse, em caso de incêndio, nem uma dúzia de mulheres conseguiria fugir. Seriam todas deixadas para trás e morreriam queimadas. Mesmo se as enfermeiras fossem bondosas, o que não são, mulheres de sua classe não teriam a presença de espírito necessária para arriscar a própria vida entre as chamas e abrir a centena de portas para libertar suas prisioneiras lunáticas. A não ser que haja uma mudança, uma história de horror sem precedentes um dia se tornará realidade.

* O dr. Frank H. Ingram, superintendente assistente do hospício de Blackwell's Island, depois se tornou amigo de Bly. Morreu em 1893, aos 33 anos. (N.E.)